

# FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

## III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

### O LUGAR DO LEITOR NO PANORAMA LITERÁRIO ATUAL DE ANGOLA

Pesquisadora: Lígia Helena Micas – [ligiamicas@gmail.com](mailto:ligiamicas@gmail.com)

Orientadora: Tânia Celestino Macêdo – [taniacelestinomacedo@gmail.com](mailto:taniacelestinomacedo@gmail.com)

#### Resumo

Com o intuito de melhor compreender o complexo mosaico da literatura angolana contemporânea, este trabalho pretende se debruçar sobre um dos importantes elementos que constituem o sistema literário daquele país: o leitor luandense. A proposta é investigar aspectos possíveis do lugar do leitor na literatura de Angola, buscando rastrear de que maneira o objeto livro circula naquele espaço e como se dão suas representações. O percurso traçado parte do projeto literário - estético e político – forjado em Angola nos momentos em torno da independência do país, na década de 70 do século passado, e caminha até os dias atuais. Propondo uma análise comparativa, nosso olhar recai sobre dois tempos e instituições, paradigmáticas para nosso estudo: a União dos Escritores Angolanos, fundada em 1975, e a Editora Chá de Caxinde, que inicia suas atividades comerciais nos anos 2000, em torno das quais gravitam leitores e livros.

**Palavras-chave** – literatura angolana, leitor, União dos Escritores Angolanos, Chá de Caxinde.

## Livro, leitor, leitura - sistema literário em movimento

*“Pois o objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar.”*  
(Jean-Paul Sartre, em *Que é a literatura?*)

Olhemos um livro repousando na prateleira de uma biblioteca. Fixemo-nos nesse objeto composto de folhas dobradas e encadernadas, nas quais se vislumbram, alternadamente, tinta e vazio. Do antigo códex medieval ao impresso pós-Gutenberg, esta pode ser a descrição do objeto livro, feito apenas de papel sobre papel e de caracteres ao lado de caracteres. Artefato material, um livro dormita entre tantos outros livros dessa biblioteca, sem que revele as histórias que carrega, as teorias que preconiza, a poesia que acalenta. Essa produção somente sai de seu estado latente na inevitabilidade de um encontro. A tinta só se faz conhecimento e emoção quando um olhar ali se detém, absorvendo, a sua maneira, o que alguém algum dia produziu. O livro encontra seu leitor. E somente na leitura ele se realiza.

A imagem deste encontro não pretende ser apoteótica mas, ao evocar o leitor para conferir sentido ao livro, acaba por ilustrar um entendimento mais amplo da matéria literária, pois desloca seu olhar para a instituição literatura, em sua complexa rede de agentes, produções, mediadores e entidades que validam, propagam, recebem, leem, imprimem, dialogam, rompem, criticam, canonizam e excluem autores e obras. Para além do texto, objeto primeiro no jogo literário, é preciso reconhecer que aquilo que está em seu entorno, pavimentando os caminhos para o seu desenrolar, é também literatura.

Nesta seara, o referencial teórico oferecido pelo crítico Antonio Candido, que propõe a ideia de um sistema literário, permite múltiplas conexões. Nesta concepção, literatura não seria apenas resultado de manifestações literárias, mas uma ampla articulação com a sociedade, sendo fundamental a existência dos seguintes denominadores para que ela se configure como tal:

“(...) um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de públicos, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico (...)” (CANDIDO, 2012, p. 25)

Assim, literatura deixa de ser a letra impressa das desventuras narrativas com seu inegável valor estético, mas volta-se para o livro também como artefato material, interessando o estudo da obra em si, mas também toda a rede necessária para sua produção (autores e editores), circulação (distribuidores, livrarias, academia, imprensa, crítica) e consumo (leitores). A equação pode ser sintetizada no tripé autor-obra-leitor, o triângulo que, segundo Cândido, sustenta o sistema literário.

Nessa “tríade indissolúvel”, o leitor cumpriria um papel fundamental, pois é ele que faz a mediação entre o autor e a obra, que dá a referência ao escritor, que lhe permite a autoconsciência e que, por fim, lhe proporciona o conhecimento de si próprio. Ao afirmar que “todo escritor depende do público”, Cândido mostra que nessa noção está implícito que o leitor e autor se relacionam a partir de diversas zonas de contato: o escritor busca um leitor, ainda que ideal, no qual sua obra encontrará ressonância; a aceitação do escritor, e a consequente remuneração de seu trabalho, depende, ainda que em parte, da resposta do público; a produção do escritor volta-se, mesmo que muitas vezes sem desejar, aos interesses do leitor. Assim,

“A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito” (2010, p. 84).

O conceito de sistema literário evoca ainda a ideia da tradição, que Cândido define como a continuidade, ou transmissão de uma herança, “que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo” (2010, p. 147). Esta herança é a base sobre a qual se dará a ruptura ou o elogio, num continuum que faz com que autores e obras estejam em constante diálogo com o que foi produzido até então. Assim, certamente devemos reconhecer a materialidade e a importância de um eventual único livro impresso em determinada comunidade, mas só vislumbraremos ali literatura a partir do momento em que este livro integra uma tradição, pois

“Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma ‘expressão’. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunicação’.” (2010, p. 147)

É desta perspectiva, em que a literatura flerta com as ciências sociais, alargando assim seu horizonte, que nos voltamos para a possível leitura do panorama literário angolano.

### **A tessitura angolana nos anos 70: literatura e independência**

No projeto de construção da nação angolana, que se consolidou ao longo do século XX, a literatura serviu como eficaz estratégia de combate contra o colonialismo armado e cultural, na medida em que insinuava veredas para uma ideia de nação, buscando forjar os elementos constitutivos da identidade nacional. Juntamente com a música, o teatro, o jornalismo e outras diferentes formas de expressão, a literatura caminhou no sentido de encontrar um país que jazia sob a imposição dos valores portugueses, sendo o Movimento dos Jovens Intelectuais, criado em 1948 sob o lema “Vamos descobrir Angola”, um importante propulsor dessa arte que, em detrimento da produção portuguesa que predominava até então, deveria a partir daquele momento ser feita *por angolanos e para angolanos*.

Como nos afirma a pesquisadora de literaturas africanas de expressão portuguesa Rita Chaves

“num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício será um caminho para a construção da identidade de uma nação que mal começava a ser imaginada.” (CHAVES, 1999, p. 20)

Assistiu-se assim, nas décadas de 1950 e na subsequente e profícua década de 1960, fortemente influenciada pela geração anterior, a um projeto literário que possuía um caráter eminentemente político, em que predominava a afirmação dos valores nacionais tanto no plano formal como na temática que perfazia grande parte das obras. Era preciso, então, ser angolano, para não ser, jamais, português.

Como elucida Maria Aparecida Santilli (1985), a produção dos grupos que se reuniram em torno do movimento e das revistas *Mensagem* e *Cultura (II)*, e também daqueles que os sucederam, pautava-se na redefinição e valorização das características nacionais, na ideologia da resistência, no retrato do angolano comum e trabalhador, tendo os *musseques* como cenários privilegiados, na tensão entre colonizado e colonizador e no

resgate ou reconstrução de uma linguagem própria. Os textos deste período deram lugar aos desterrados em seu próprio território, colocando em cena uma Angola que se fazia real, mas que até então não figurava no plano discursivo.

O escritor Pepetela, a partir de breve análise de dois autores chave das décadas de 1950 e 1960, sintetiza a tônica da literatura deste momento:

“(...) a poesia de Viriato da Cruz, embora escassa e pouco divulgada, marca a divisão das águas e é a que, por todos os ângulos pelos quais possa ser observada, apresenta um corte definitivo com a portuguesa e tem todos os ingredientes de uma literatura verdadeiramente angolana. Os temas são inegavelmente angolanos, as figuras humanas também e mesmo a linguagem é o prenúncio do resgate de palavras, expressões, novos conteúdos semânticos e sintáticos, influenciados pelas línguas africanas. Foi de facto a poesia de Viriato que abriu o caminho para Luandino Vieira na prosa da década seguinte.” (PEPETELA, 2010, p. 3)

Assim, além desta temática específica, a produção de então experimentou, neste intuito de falar ao homem angolano, de maneira que ele se reconhecesse no outro e em sua nação, um esmerado trabalho formal do texto literário: a literatura rende-se à oratura, o kimbundo passa a figurar ao lado do português, que vê sua estrutura modificada ou acrescida, a estrutura do *mi-sosso* é incorporada pelo texto escrito e, entre outras mudanças, começam a despontar as tantas vozes e perspectivas suplantadas ao longo do período colonial por uma produção que se dava em Angola mas que, na realidade, era estrangeira.

Conquistada a independência, esses valores são reafirmados, como evidencia o manifesto de fundação da União dos Escritores Angolanos que, na Angola recém liberta, em 1975, proclamava, como nos mostra Carlos Ervedosa:

“No momento em que nosso povo acaba de assumir a plena responsabilidade do seu futuro como nação livre e soberana, os escritores angolanos permanecem na vanguarda, face às grandes tarefas de libertação e reconstrução nacionais. (...) A história da nossa literatura é testemunho de gerações de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo da nossa libertação exprimindo os anseios profundos do nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano”. (EVERDOSA, 1985, p.122)

A literatura nacional angolana, portanto, se funda a partir de um projeto político e continua uma tradição significativa no país, como nos explica Rita Chaves: a utilização de movimentos culturais para a deflagração ou para o fortalecimento de suas lutas políticas.

“Se no Brasil o sentimento nacionalista intensificou-se após a independência, em relação a Angola pode-se dizer que o senso de resistência, presente na história secular dos povos que ali viviam na chegada do colonizador, selou a produção literária, desempenhando um papel excepcional nas lutas pela libertação. Articulada com outras forças, a literatura seria, afinal, um dos móveis capazes de conduzir à superação do estatuto de colônia nos mais diversos níveis. Aliás, destaca-se, por sua inequívoca clareza, a dimensão ideológica do projeto literário angolano. Ali, a despeito dos limites que a realidade acabou por colocar, a perspectiva da ruptura, nunca radicalizada pelos escritores brasileiros, foi professada pela maioria dos autores angolanos, quase todos envolvidos, inclusive profissional e fisicamente, nas campanhas libertadoras”. (CHAVES, 1999, p. 55)

Desde esse período até os dias atuais, passando pelos momentos de independência, guerra civil e de estabilidade política, presenciamos a consolidação da ficção angolana no bojo de um sistema literário que abarca, hoje, uma pluralidade estética, num diálogo que se pretende mais amplo, multifacetado e cosmopolita do que aquele marcado sobretudo pela oposição em relação a Portugal. Vemos emergir, então, distintos personagens, focos narrativos, espaços e linguagens que não servem necessariamente a um projeto político explícito, mas ressaltam sua finalidade estética. Como afirmou o jovem escritor angolano Ondjaki, em entrevista ao programa televisivo brasileiro *Roda Viva* de 15 de janeiro de 2007, por muitos anos o posicionamento dos escritores dizia: “‘Eu existo contra ti’, não somente ‘eu existo’, mas ‘eu existo contra ti’. E nós agora... Diluiu-se no tempo. Nós agora, existimos em função de nós. Eu não quero existir contra ninguém.”

Assim, autores como o próprio Ondjaki, que trabalha com lirismo a perspectiva infantil, José Eduardo Agualusa, que recorre a espaços brasileiros, estabelecendo um diálogo com territórios outros, Ana Paula Tavares, cuja poética extrapola a dimensão angolana, ou Boaventura Cardoso, que possui um sofisticado labor de linguagem, são exemplos de escritores que, mesmo tendo, em diversos momentos de suas trajetórias, incorporado elementos que serviriam a um propósito de fortalecimento da nação, estão preocupados com a interlocução mais intensa de suas obras com a tradição ocidental.

## Sistema literário em Angola e o leitor em Luanda

Dos anos 70, quando Angola se torna uma nação independente, aos dias atuais, a literatura do país passou por distintas fases, sempre em diálogo com as ideias iniciais do seu projeto político e estético. Numa análise que perpassa essas décadas, grande parte dos pesquisadores julga que seu sistema literário foi concretizado. De acordo com a pesquisadora Rita Chaves em entrevista à União dos Escritores Angolanos, a literatura angolana já teria superado seu processo de consolidação, tanto no plano da poesia quanto no das narrativas, sendo possível falarmos hoje de um projeto amadurecido, pois “já há escritores que trabalham temas bastante diversificados e com linguagens também muito diversificadas, com diferenças entre si” (CHAVES, 2012). Esse entendimento vai ao encontro da percepção da professora Maria Nazareth Soares Fonseca, para quem “Angola tem uma instituição literária bem consolidada, com muitas obras publicadas no país e fora do país” (FONSECA, 2010).

É notável nessas falas a grande preocupação com a diversidade e qualidade da produção local, que os tantos estudos e a comparação com os demais PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) demonstram ser indiscutíveis. Não há dúvida de que se produz literatura de maneira consistente em Angola, com um número substancial de qualificados autores, editoras e do aparato institucional necessário para a confecção do livro, o que nos faria afirmar que o projeto, desencadeado há mais de 60 anos, de uma verdadeira literatura nacional, feita *por angolanos*, propósito primeiro do Movimento dos Jovens Intelectuais, foi concretizado.

Chama-nos atenção, no entanto, o lugar que ocupa, no sistema literário angolano, o leitor, aquele que forma o público julgado imprescindível na conformação deste sistema. Se o projeto literário forjado na independência do país contemplava uma literatura feita *para angolanos*, como este foi incorporado e consolidado ao longo dos anos? Que lugar ele ocupa?

“Todos queremos escrever, mas poucos querem ler”. A afirmação do angolano António Quino (2011), professor e estudioso de literaturas em línguas portuguesas, quando indagado sobre a situação dos jovens estudantes de literatura de seu país, parece refletir uma espécie de paradoxo que Angola vivencia nos tempos atuais. Embora a produção do país seja profícua, esses textos não encontram destino certo entre os leitores angolanos. A percepção é ratificada por Pepetela e Ondjaki, escritores angolanos relevantes e de distintas

gerações, que, em palestra na Universidade de São Paulo em 08 de maio de 2012, afirmaram que em Angola lê-se muito pouco, embora eles sigam publicando há anos em intervalos regulares.

A percepção coincide com a do escritor Boaventura Cardoso, quando diz que “faltam políticas de promoção do livro no seio de nossa comunidade de língua portuguesa”, além de bibliotecas escolares e públicas (em entrevista concedida por e-mail em 01 de março de 2013).

António Quino, que vivencia a realidade da sala de aula em universidade de Luanda, ilustra a importância de se pensar a literatura para além dos mecanismos de produção, ademais de trazer um retrato da situação não apenas de Angola, mas de África, no que diz respeito à leitura:

“Por exemplo, enquanto instituição, a literatura é um corpo vivo entendido como um sistema social. (...) Portanto, se pretendermos falar das literaturas africanas não nos podemos limitar ao texto. O mundo de leitores é imprescindível numa análise como essa. Se o texto fosse o fim último, ficaria feliz, pois África tem pelo menos cinco escritores galardoados com o Nobel da literatura. (...) Voltando à minha condição de docente, estou mais interessado em olhar para o universo de leitores africanos e isso me leva necessariamente à, por exemplo, intelectualidade africana. (...) E regressando à questão sobre o estado das literaturas africanas, me reporto à necessidade de ampliarmos o nosso mundo de leitores, ansiando que eles tenham consciência crítica em relação à nossa produção literária e, a partir daí, estabelecermos paralelismos entre o estético e o cultural. Enquanto tivermos um mundo de leitores exíguo, a nossa literatura continuará dependente de leituras críticas vindas do exterior e, evidentemente, influenciando as instituições literárias em África. (QUINO, 2011)”

A importância da leitura se impõe e, para além das questões económicas e sociais de acesso ao livro, existem diversas outras mediações entre o autor, o livro e seu leitor que podem auxiliar na compreensão deste cenário, cujas questões nos desafiam: quem são os leitores dos autores angolanos? Se os autores são muito lidos no exterior, voltam sua escrita necessariamente para esses públicos? Em outra medida, como buscam criar interlocução com os leitores angolanos? O projeto estético de uma literatura pautada na angolanidade ainda faz sentido? O que os leitores esperam de seus autores? O que seria, em última instância, produzir num ambiente sem leitores?



Pouco se sabe ou se estuda, no entanto, sobre o tema em Angola. São escassos não apenas grandes dados e números sobre produção editorial, comercialização e números de livros lidos, mas um trabalho que reflita as minúcias da relação, estreita ou não, entre o livro angolano e o leitor angolano.

Se esta foi, no entanto, a preocupação daqueles que, no esforço pela consolidação de um sistema independente do português, preconizavam, além de autores, textos e temas propriamente angolanos, um leitor que reconhecesse e pudesse desfrutar deste processo, o tema segue atual, pautado por questões como alfabetização, melhoria das condições culturais e problemas sócio-econômicos de acesso ao livro.

Russell Hamilton contribui para este debate quando, em sua tentativa de compreender a produção dos PALOP, mostra como no pós-independência a escolaridade e o poder de compra implicam diretamente no consumo das obras literárias e, indiretamente, em sua criação. Afirmando que muitos dos autores africanos mais lidos conseguem publicar seus livros no exterior, ele se pergunta “até que ponto os leitores implícitos estrangeiros exercem uma influência na própria natureza de determinada obra literária dentro do mundo de espaços abertos pela pós-colonialidade” (HAMILTON, 1999, p. 22).

São essas as questões que este trabalho, ainda em curso, busca abordar e cujas primeiras insinuações apresentamos abaixo.

## **O livro e o leitor em dois momentos da história angolana**

Na tentativa de rastrear o livro e o leitor no contexto angolano, partimos para a análise de duas instituições que julgamos paradigmáticas naquele país e que marcaram presença em momentos distintos, possibilitando uma comparação histórica: a União dos Escritores Angolanos (UEA), fundada em 1975, e a Chá de Caxinde, de 1989, mas com atividades comerciais iniciadas apenas nos anos 2000, duas editoras que funcionam ainda como ponto de encontro e como estimuladoras da cultura local. Ambas seguem em atividade, em Luanda, ainda hoje.

A escolha deste recorte, entre as tantas instituições possíveis, justifica-se pela posição paradigmática da editora, em torno da qual flutuam os elementos que integram o tripé que sustenta qualquer sistema literário: autor, obra e leitor. A editora na verdade é a

instituição que faz a grande mediação, entre muitas outras existentes, entre o autor e o leitor, entre o texto e o leitor.

A União dos Escritores Angolanos foi fundada em 1975, na esteira da proclamação da independência Angolana, constituindo uma entidade de utilidade pública, cujas atividades se desenvolveram em torno do livro. Sua constituição é assinada por 32 escritores, designados membros fundadores, entre eles nomes como o poeta Agostinho Neto, primeiro presidente da mesa da Assembleia Geral de criação da UEA e também primeiro presidente de Angola.

Seu estatuto preconiza, entre outras finalidades: representar os escritores angolanos membros da UEA; promover a defesa da cultura angolana como patrimônio da Nação; e estimular os trabalhos tendentes a aprofundar o estudo das tradições culturais do Povo Angolano.

A importância do papel da União no desenvolvimento da literatura e da promoção da leitura em Angola parece inquestionável. De acordo com Rita Chaves, entre os vários grupos e instituições que lutam pela consolidação de uma literatura independente em Angola está A União dos Escritores Angolanos, cujo documento de fundação data de um dia depois de declarada a independência do país. Seu tom indica que “o itinerário do angolano na busca de minar os bloqueios impostos pelo colonialismo inscreve-se como a própria história da palavra em Angola” (CHAVES, 1999, p. 33).

Verificamos, aqui, esse duplo nascimento, não apenas de um país, mas da possibilidade de apoderar-se dele a partir da palavra e da narrativa. A nação angolana, então, nasce juntamente com a literatura, imprimindo uma maneira singular de se olhar para os escritores e, portanto, para os livros. Ao confundir-se, aqui, o homem político e o literário, o intelectual e o guerrilheiro, que caminham indissociáveis nesta Angola em convulsão, a literatura alcança um status específico. Como aponta ainda Rita Chaves:

“Envolvidos fisicamente no processo de libertação do país, nomes como Agostinho Neto, Antônio Jacinto e Viriato da Cruz, entre outros, ampliam o espaço de sua atuação, inscrevendo-se já como intelectuais e como escritores. Como intelectuais elaboram reflexões onde se podem esboçar programaticamente pontos definidores de um nítido projeto ideológico. Como escritores, assumem a ousadia incorporando os matizes reclamados por um projeto artístico centrado na invenção e na resistência” (CHAVES, 1999, p. 44)

Os três escritores citados são membros fundadores da União e também militantes do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola que, criado em 1956, é ator fundamental no cenário político angolano, tendo assumido o país no pós-independência. Estes homens são considerados heróis nas batalhas que empreenderam por uma nação livre e, assim, têm também sua atividade intelectual e sua produção poética valorizadas. Como nos explica Hamilton:

“Porém, a vitória da luta armada foi também uma vitória da resistência cultural e uma conquista para o escritor militante. Assim, o prestígio do escritor, juntamente com o estabelecimento de uma base literária, tem dado sustância ao orgulho nacional e tem dado promessas de um público leitor potencialmente vasto. (...) O leitor típico reside numa cidade, provavelmente Luanda; mas muitos angolanos que no passado não ligavam à literatura, veem agora nela algo com que podem identificar-se” (Hamilton, 1975, p. 170).

Assim, o livro e a literatura se assumem, neste período pós-independência em que a UEA é articulador editorial principal, como símbolo de desejo, sendo profundamente estimulados na sociedade de então. Os dados corroboram esse entendimento e oferecem uma dimensão da importância da literatura nesse período: o último censo realizado em Angola, em 1970, ainda sob domínio português, aponta uma população de 5,6 milhões de habitantes no país, enquanto a taxa de analfabetismo girava em torno de 85%. As tiragens dos livros nessa época eram de no mínimo 5 mil exemplares, muitas delas chegando a 10 mil, os livros eram subsidiados e, sendo extremamente acessíveis, constituíam um produto requisitado. A título comparativo, no Brasil de hoje, com mais 200 milhões de habitantes e 8,7% de analfabetos, edições regulares contam com 2 mil exemplares.

Em depoimento que nos foi concedido em 09 de outubro de 2014, a pesquisadora de literaturas africanas Tânia Celestino de Macêdo afirma que de 1975 a início dos anos 80, o país vivencia um tempo áureo, em que há uma produção excepcional, tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo, sendo que a quase totalidade dessa produção passava pela União dos Escritores Angolanos. “Os livros eram acessíveis, pois era possível encontrá-los em espaços diversos, como livrarias, bancas, mercados, pelas esquinas”, afirma. Existe ainda, segundo ela, uma tentativa de fortalecimento da literatura por outros meios, com programas de televisão e de rádio que debatem o fazer literário e buscam, assim, estimular a leitura.

No período, verificamos ainda um esforço concentrado pelo letramento, com amplas campanhas de alfabetização. De 74 a 78, mais de um milhão e meio de pessoas foram

alfabetizadas. Tânia relembra fala do escritor e por quinze anos secretário geral da UEA, Luandino Vieira, que dizia que os livros eram um objeto extremamente valorizado, pois muitos adultos analfabetos compravam exemplares para guardar para seus netos, na esperança de que eles desfrutassem daquela espécie de tesouro, de bem de família que seria herdado pelas gerações vindouras. Hamilton reitera a história com um caso que, segundo ele, conta-se em Luanda, de uma mulher vestida com trajes tradicionais que, em 1978, estava em uma feira de livros e foi interpelada por uma emissora de TV. Quando indagada por que comprava livros, “a mãe angolana retorquiu que, embora analfabeta, comprava as obras de autores nacionais para os seus filhos que, estes sim, saberiam ler”. (1975, p. 171).

A fala sugere que, neste momento excepcional vivenciado por Angola, ter a posse dos livros era também ter em mãos seu próprio destino, que se confundia com o da nação independente. A antropóloga Michèle Petit, em um belíssimo estudo sobre a leitura nas bibliotecas públicas da periferia de Paris, em grande parte frequentada por imigrantes ou descendentes de imigrantes vindos de países como Argélia, Turquia ou Senegal, relembra um dos possíveis papéis do livro, que parece também caracterizar este período em Angola: “A leitura contribui assim para criar um pouco de ‘jogo’ no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros. Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem (...)” (2008, p. 100)

Neste momento de euforia, a União reeditou diversas obras do período anticolonial, muitas delas que haviam circulado clandestinamente, e iniciou uma atividade profícua com a coleção “Cadernos Lavra & Oficina”, que de 1977 a 1988 publicou cadernos de poesias e contos com periodicidade quase mensal e cuja tiragem média era de 10 mil exemplares. Os cadernos, que se iniciam com a publicação de “11 Poemas em Novembro”, de Manuel Rui, chegaram ao número 79. Sua confecção era materialmente singela, de uma dimensão menor que um livro padrão que conhecemos hoje e, justamente devido a essa condição, os cadernos eram, segundo Hamilton, os únicos impressos da União feitos em Luanda, porque os demais seguiam sendo elaborados em Lisboa.

A UEA também foi grande estimuladora da literatura infantil, editando a Coleção Acácia Rubra, com média de 5 mil exemplares, e que, ao longo do tempo, foi adquirindo maior cuidado gráfico, chegando a serem impressos, por volta de 1988, livros em capa dura.

Esses números mostram um empenho em disseminar a produção literária, o que foi feito com certo sucesso, já que as obras circulavam e eram comercializadas para um público

leitor ainda em formação, mas que de alguma maneira correspondia a essa massificação. Um dos exemplos citados por Hamilton é que, em menos de um ano, 40 mil exemplares do livro *Sagrada Esperança*, do poeta e presidente Agostinho Neto, foram vendidos. Assim, se antes os livros eram lidos por outros escritores e intelectuais, mas raramente pela pequena burguesia indígena ou pelos operários, como explica Hamilton, com as atividades da UEA abre-se uma perspectiva para o incremento da leitura em diversos meios sociais.

Nos anos que se seguiram à independência, Angola vivenciou quase três décadas de um conflito civil, marcado pela disputa entre os movimentos políticos que lutaram contra o colonialismo, sobretudo o MPLA e a UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola. Foram poucos os intervalos de paz nesse período, que apenas chega de maneira definitiva em 2002. A União dos Escritores Angolanos segue atuante, ainda que com menos vitalidade que nos primeiros anos. E outras instituições surgem neste cenário, como é o caso da Chá de Caxinde.

Fundada em janeiro de 1989 para “quebrar o marasmo cultural” que se vivia na Angola de então, quando o recolher obrigatório da guerra civil impedia uma profícua troca de ideias e as manifestações culturais na cidade de Luanda e em outros rincões do país, a Associação tem como objetivo defender a cultura angolana e promover sua expansão. Sob o mote “unir pela cultura”, a Associação voltou-se para uma série de atividades – artísticas, literárias, recreativas – que buscavam aproximar as pessoas e compartilhar cultura e entretenimento. Apresentações de danças e de teatros, palestras com escritores e intelectuais, exposições de artes plásticas, bailes e aulas faziam parte da rotina da Associação que, na década de 1990, tornou-se referência de jovens e adultos que procuravam um lugar para o encontro na cidade de Luanda.

O nome escolhido, de acordo com o mentor, fundador e atual presidente da Associação, Jacques Arlindo dos Santos, em declaração feita no vídeo comemorativo de 15 anos da entidade “Já lá vão 15”, remete ao poder curativo da planta caxinde, abundante no país, propriedade que se desejava que a entidade imprimisse sobre a cultura de Angola.

Depois de pouco mais de 10 anos de atuação, já nos anos 2000, outra atividade veio se juntar ao diversificado cardápio da Chá, como é conhecida por seus frequentadores: a edição e comercialização de livros. Hoje são cerca de 150 títulos editados, entre romances, livros de contos e poesias, ensaios no âmbito das ciências sociais e publicações voltadas para o público infanto-juvenil, que incluem autores como Pepetela, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Ruy Duarte de Carvalho. São autores reconhecidos pela crítica internacional e pela incipiente crítica local, estudados nas

universidades e premiados em seu país. Em que pese diferenças em seus projetos estéticos, são inegavelmente nomes relevantes no panorama literária atual de Angola.

Outro dos propósitos da Chá de Caxinde é o estímulo à leitura, de maneira que a entidade promove diversas atividades voltadas para a valorização do livro. Entre esses projetos, destaca-se o festival “Ler é uma festa”, que, já na 2ª edição, promoveu, durante dez dias de novembro de 2012 em Luanda, uma série de debates, mesas-redondas, lançamentos de livros e outras atividades, todas voltadas para sensibilizar a sociedade para o prazer de ler.

Com centenas de sócios e operando no histórico Cine Teatro Nacional, cedido em 1995 à Associação pelo governo angolano, embora a instituição seja privada, a Chá de Caxinde ganhou fôlego e reconhecimento na sociedade luandense e voltou a publicar, em agosto de 2012, *O Chá – Mensário Angolano de Cultura*, boletim que traz artigos, entrevistas e notícias, grande parte delas problematizando questões que envolvem literatura e leitura. A Associação Chá de Caxinde participa, assim, da dinâmica literária de Luanda e despende diversos esforços no sentido de ampliar a leitura e o consumo de livros no país.

Ocorre que hoje, quando Angola estima contar com 20 milhões de pessoas e ostenta uma taxa de analfabetismo de 30%, uma diminuição significativa em relação aos 85% dos anos 70, o cenário se apresenta menos alentador. O presidente da Chá de Caxinde, Jacques Arlindo dos Santos, mostrou, em entrevista que nos foi concedida por e-mail em 07 de junho de 2013, certa preocupação em relação à pouca importância que se vem dando ao livro e aos hábitos de leitura no país, principalmente nos últimos cinco anos.

De acordo com ele, a venda de livros é baixa e as tiragens, hoje em torno de 1000 exemplares, raríssimas vezes chegam a uma 2ª edição (dos 150 títulos, cerca de 12 tiveram “honras de 2ª edição”). Problemas relacionados à questão são, para Jacques, a ausência de uma crítica literária em Angola e a não existência de bibliotecas públicas, o que faz com que os mais conhecidos autores angolanos editem sobretudo fora do país, um fenômeno indicativo da situação atual por que passa sua literatura: “repare que os mais conhecidos autores angolanos editam fora do país e isto é capaz de significar tudo”, nos diz.

Este cenário de baixa venda de livros, de acordo com Jacques, faz com que a publicação seja algo que requer enormes cuidados, de maneira que só são editados pela Chá se ela tiver um patrocínio que garanta, de partida, o pagamento do custo do livro, de forma a, se não for possível obter lucro, ao menos evitar o prejuízo. “É muito baixo o nível de hábitos de leitura, pelo que não dispomos de estatísticas ou outros

dados que possibilitem medir o número de leitores. É quase proibitivo pensar-se em publicitar livros”, confirma Jacques, antes de finalizar, à guisa de alento: “Todavia, não sou pessimista ao ponto de dizer que tudo está perdido. Angola é um país novo, de enormes potencialidades, inclusive na literatura, que aguarda apenas o seu momento nesta como noutras áreas. Vamos aguardar, esperançados, que o ‘boom’ ansiado aconteça um dia destes!”

O escritor Boaventura Cardoso, editado, entre outras, pela Chá de Caxinde, corrobora o entendimento de Jacques sobre o sistema literário angolano. Se a qualidade dos textos é inegável, faltam políticas públicas de incentivo à leitura e medidas que facilitem a circulação do livro. Ele evoca, em entrevista concedida por e-mail em 01 de março de 2013, a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, como instância que poderia contribuir nessa direção: “Faltam políticas de promoção do livro no seio da nossa comunidade de língua portuguesa. A circulação do livro no seio dos países da CPLP deveria ser mais fluida”.

A situação atual, para Boaventura, difere daquela dos anos 70, no que tange à circulação de livros e ao público leitor: “Nos primeiros anos da Independência, a União dos Escritores Angolanos (UEA) - até então a única editora - fazia edições de cinco mil exemplares no mínimo! Hoje já não. Os tempos mudaram; há maior concorrência e a vida tornou-se mais cara. Hoje há muitos chefes de família que gostariam de comprar livros para os seus filhos mas que não o podem fazer pressionados por outras prioridades como, por exemplo, a alimentação. Há que sublinhar também que as empresas de distribuição de livros dizem que é muito mais rentável vender jornais, revistas e livros técnicos do que obras literárias. Vender livros de poesias não é, comercialmente, um bom negócio.”

Vale ressaltar que o valor médio de um livro vendido na Chá de Caxinde é de 2 mil Kwanzas (ou US\$ 20), enquanto o salário mínimo varia entre 15 mil e 22 mil Kwanzas, a depender do setor empregador. Estes valores nos permitem concluir que um livro corresponde a em torno de 10% do que recebe um trabalhador ao mês, bem acima dos quase 5% quando fazemos a mesma relação no caso brasileiro (R\$ 724,00 de salário mínimo e média de R\$ 35,00 o livro).

Apesar dessas condições, o país caminhou em alguns indicadores que mormente propiciam um maior número de leitores, como é o caso da ampliação da rede de universidades, o que leva Boaventura a afirmar que “temos, assim, leitores que, pelo menos do ponto de vista intelectual, estão melhores preparados. Quanto a editoras, já existem algumas mas não em número suficiente”.

O que parece fazer a diferença, tanto para Jaques quanto para Boaventura, são as bibliotecas. Ambos insistem na importância de uma rede de bibliotecas públicas que permitam o acesso fácil aos livros.

### **Considerações finais**

A tomar como base o tempo em que se inscreve esta pesquisa, que integra um projeto de mestrado que está em seus primeiros meses, seria mais apropriado defini-las como considerações iniciais acerca do lugar do leitor e do livro no panorama angolano. São insinuações que, por ora, revelam as contradições presentes no fazer literário de Angola que, poderíamos arriscar, vem afirmando-se como uma sociedade da escrita, mas que prescinde da leitura, e que indicam a necessidade de um maior aprofundamento do debate.

A partir do cotejamento dos dois momentos e das duas instituições analisadas, percebemos o deslocamento que houve no discurso sobre o local do livro e da leitura na sociedade angolana e as mudanças nas práticas de produção e circulação deste objeto. Se na década de 70 o escritor confunde-se com o herói e sua obra, produto deste encontro, detém um espaço de prestígio nesta sociedade, atribuindo-se a ela um alto valor simbólico, nos dias atuais nos deparamos com um fraco interesse dos potenciais leitores pelos livros, agravado pelo encarecimento das condições materiais de produção, o que consequentemente dificulta sua aquisição.

Se antes os livros eram subsidiados e, portanto mais acessíveis, e estavam inseridos numa ampla rede de sustentação da leitura, como as campanhas de alfabetização, a fácil circulação da mercadoria e os programas de TV e rádio que incentivavam a prática, hoje as editoras parecem seguir sozinhas, carecendo de apoio de demais instituições, como as bibliotecas, que facilitem o encontro do livro com seu leitor.

Esta rede, que evoca a noção de sistema literário, é o que traz as condições para o pleno desenvolvimento da literatura e o que pode fazer com que o livro, que em Angola foi tão ou mais importante que as catanas e fuzis que lutaram contra o colonialismo português, consolide o seu justo lugar.



## Bibliografia

- ABDALA JR., Benjamin. *De vãos e Ilha: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- BARTHES, Roland. "A morte do autor". In: *O rumor da língua*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CHARTIER, Roger. "A aventura do livro – do leitor ao navegador – Conversações com Jean Lebrun". São Paulo: Editora Unesp – Imprensa Oficial, 1988
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa. 1999
- COMPAGNON, Antoine. "O leitor", in: *O demônio da teoria – Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GOVERNO DE ANGOLA (2010). *Boletins de Estatísticas Sociais 2005 – 2008*. Luanda, 2010.
- HAMILTON, Russell G. "A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-Colonial". *Revista Via Atlântica*. Nº 3, dezembro de 1999, 12 – 22.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Africana, Literatura Necessária – Angola*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- JAUSS, Hans Robert. "A estética da recepção – colocações gerais". In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KANDJIMBO, Luís. *Apologia de Kalitangi - Ensaio e Crítica*. Luanda: INALD, 1997.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEITE, Ana Mafalda. "Literaturas Africanas e Pós-Colonialismo". In: *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.
- LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MACÊDO, Tânia Celestino de. A representação literária de Luanda – uma "ponte" entre Angola, Brasil e Portugal. *Revista Via Atlântica*. Nº 1, março de 1997, 119 – 127.
- \_\_\_\_\_. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 35, 2008.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias Africanas*. São Paulo: Ática, 1985.
- SARTRE, Jean Paul. "Por que escrever?" In: *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004, p. 43 – 53.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora Senac, 2001.

## Webgrafia

CHAVES, Rita. 2012, "Entrevista com Rita Chaves, professora brasileira de literatura africana". Entrevista para a União dos Escritores Angolanos. Disponível em <http://www.ueangola.com/entrevistas/item/774-entrevista-com-rita-chaves-professora-brasileira-de-literatura-africana> Último acesso em 03 de agosto de 2013.

FONSECA, Nazareth. 2010, "Só com o fortalecimento de uma massa de leitores críticos é que a crítica se fortalecerá no país". Entrevista para a União dos Escritores Angolanos. Disponível em <http://www.ueangola.com/entrevistas/item/778-s%C3%B3-com-o-fortalecimento-de-uma-massa-de-leitores-cr%C3%ADticos-%C3%A9-que-a-cr%C3%ADtica-se-fortalecer%C3%A1-no-pa%C3%ADs-nazareth-fonseca> Último acesso em 03 de agosto de 2013.

KANDJIMBO, Luís. "A Literatura Angola, a formação de um cânone literário mínimo de Língua Portuguesa e as estratégias da sua difusão e ensino". Texto apresentado ao Seminário para Edificação do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), realizado pela CPLP. Lisboa 5-8 de Junho de 2001. Disponível em [http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/58-a-literatura-angola-a-forma%C3%A7%C3%A3o-de-um-c%C3%A2none-liter%C3%A1rio-m%C3%ADnimo-de-l%C3%ADngua-portuguesa-e-as-estrat%C3%A9gias-da-sua-difus%C3%A3o-e-ensino\\*](http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/58-a-literatura-angola-a-forma%C3%A7%C3%A3o-de-um-c%C3%A2none-liter%C3%A1rio-m%C3%ADnimo-de-l%C3%ADngua-portuguesa-e-as-estrat%C3%A9gias-da-sua-difus%C3%A3o-e-ensino*) Último acesso em 03 de agosto de 2013.

PEPETELA. 2010, "Algumas questões sobre a literatura angolana". Disponível em <http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/122-algumas-quest%C3%B5es-sobre-a-literatura-angolana> Último acesso em 03 de agosto de 2013.

QUINO, Antonio. 2011, "Todos queremos escrever, mas poucos querem ler". Entrevista para a União dos Escritores Angolanos. Disponível em <http://www.ueangola.com/entrevistas/item/882-todos-queremos-escrever-mas-poucos-querem-ler-diz-ant%C3%B3nio-quino> Último acesso em 03 de agosto de 2013.

## Documento de vídeo consultado

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA CHÁ DE CAXINDE (2004). "Já lá vão 15!", Janeiro de 2004.